

## **RODA DE CONVERSA**

### **TEMA: CULTURA E MEIO AMBIENTE**

**Participantes: Sara Regina de Amorim, Maurício Rodrigues da Mota, Melissa Branco, Ismail Barra Nova de Melo, Kléber Kachinski e Antônio Carlos Gonçalves**

**Texto resumido por Carolina Barisson M. de Oliveira Sodré – Secretaria do Meio Ambiente; Helder Antonio Frezza – M nicipal voluntário; José Felipe Godoy Mello de Lima – M nicipal voluntário; Rodrigo Miranda de Andrade – Secretaria do Meio Ambiente Sorocaba, 05 de novembro de 2015.**

### **Cultura e Meio Ambiente**

#### **Introdu o:**

A roda de conversa se inicia com explica o da Secretária de Cultura de Sorocaba, Jaqueline Gomes da Silva, sobre a constru o do Plano Municipal de Cultura (PMC) na qual as rodas de conversa fazem parte do diagnóstico necessário para que a constru o deste documento seja feita de forma participativa, além de outras ferramentas como o mapeamento cultural, as reuniões territoriais e setoriais.

Explicado a dinâmica da roda de conversa, foi apresentado o mediador Maurício Mota e os integrantes que compuseram o centro da roda de conversa. O mediador contextualizou a importância da constru o do PMC como instrumento de política pública para determina o de metas e objetivos para os próximos 10 anos na área da cultura na cidade.

#### **Falas dos integrantes da roda de conversa:**

**Prof  Dr  Ismail Barra Nova de Melo, professor da UFSCar:** O Prof  trabalhou em sua fala as rela es entre meio ambiente e o homem e como esta rela o foi construída no decorrer da história da humanidade que se passou principalmente pelo tipo de educa o e cultura que se passava entre as gera es. Enfatizou o quanto a cultura   importante para a compreensão do papel do homem no meio ambiente, diferenciando dois pensamentos, sendo o primeiro acerca do meio ambiente entendido de uma forma mais holística e o segundo acerca do meio ambiente simplesmente ecológico. Continuou explanando que as a es humanas não são desassociadas   concep o de meio ambiente, pois a concep o leva às condutas.

Explicou, ainda, que na rela o holística, o global, a educa o, transporte, resíduos, os rios, nossa condi o de vida e habita o, tudo faz parte do meio ambiente. Questões como: “de que maneira as pessoas vivem?” “O que consomem?” “Como estão conduzindo estas a es?” devem permear as discussões do tema. Após estes comentários iniciais, o Dr  Ismael reforçou a necessidade de se fazer uma constru o participativa considerando a diversidade que há nos diferentes espaços da cidade, ouvindo os movimentos da cidade para constru o coletiva, não pensando a cultura como algo homog neo e sim trazendo as vivências e diferentes manifesta es para esta constru o. Exemplificou através da história das revolu es industriais do século XX e na imposi o de um modelo de desenvolvimento que não considerou questões locais e que implantou conceitos err neos de desenvolvimento sustentável e de sustentabilidade.

Finalizou observando que entre as esferas que dominam a sociedade (que chamou de econ mico, estatal e sociedade civil) a sociedade civil   a mais apagada e por isso precisa de um fortalecimento para participar

das decisões tomadas pelo poder público e que nossa visão do mundo é baseada na experiência e naquilo que conseguimos conceitualizar pois não valoramos aquilo que não conceituamos.

**Profº Drº Antônio Carlos Gonçalves, professor da UNISO:** No início de sua fala, o Profº Antônio Carlos enfatizou que grande parte da sociedade ainda não assimilou o fato de que o planeta tem limites claros e que ou mudamos o curso de nosso estilo de vida ou o planeta terá uma maneira de se livrar dos humanos, continuou dizendo que é uma pretensão nossa achar que o planeta precisa ser salvo pelo homem, pois na verdade temos que rever nosso estilo de vida.

Continuou sua participação explicando que cultura é todo conhecimento do meio e que a utilização dos recursos é permeada pela cultura da sociedade, que é a somatória dos conhecimentos. Enfatizou que a cultura dominante é da lógica linear de produção que só cresce em detrimento aos recursos naturais finitos e onde poucos se beneficiam em detrimento de muitos, pois se não for economicamente viável para alguém, não se justifica.

O Profº finalizou, ainda, sobre a importância de se desconstruir a lógica linear de produção a fim de se pensar numa alternativa sugerindo três aspectos que precisam ser revisto: 1 – A matemática do sistema (sistema limitado x economia do crescimento sem limite) pensando sempre que as variáveis da teoria econômica são o capital e as pessoas; 2 – Que o crescimento leva a qualidade de vida (exemplificou com o desenvolvimento de novas doenças na população) e que tal lógica é utilizada como desculpa moral; 3 – Não teremos mais um crescimento como o do século XX e precisamos pensar em alternativas como o crescimento zero (qualificando o crescimento e mudança de matriz energética) sendo que os três aspectos passam pela transformação da cultura da população.

**Melissa Branco, arte-educadora:** Melissa iniciou sua participação salientando o quanto a diversidade ambiental e cultural da cidade é grande e que o histórico da cidade também é muito bom, existindo muitos coletivos, espaços culturais, com o atual poder público mais atuante, fazendo do cenário cultural atual, positivo. Sugeriu que devemos pensar no viés mais holístico do meio ambiente, atuando por melhorias como no movimento da agroecologia e que a educação existente está fragmentada. Questionou ainda: “Como podemos trabalhar com equidade entre as áreas?” “Como fomentar as relações do jovem atual com as diversas culturas da cidade?”. E sugeriu uma educação integral para poder planejar as políticas de acesso à cultura, lazer, alimentação saudável além de defender que devemos ter mais tempo para realizar o papel social e buscar o equilíbrio individual para fortalecer o coletivo.

Segundo Melissa, temos a necessidade de se pensar nestas questões valorizando os movimentos existentes, fazendo, por exemplo, um mapeamento da bacia do rio Sorocaba, conhecendo as pessoas do entorno e suas culturas, além de levar mais oportunidade para a periferia.

**Sara Regina Amorim, Diretora de Área de Gestão Ambiental da Secretaria do Meio Ambiente de Sorocaba:** Sara sugere em sua fala que devemos pensar em um modelo para região metropolitana e que Sorocaba se coloca como exemplo da região. Na atuação da SEMA, criada em 2009, há 3 áreas de trabalho: Gestão Ambiental, Educação Ambiental e Fiscalização e Controle Ambiental. Na área de Educação Ambiental, a SEMA atua em vários grupos (coletivos) trazendo a população para participar mais ativamente das ações socioambientais como ocorre no projeto Coletivo Ambiental que atua na região do bairro de Aparecidinha. Sara também enfatizou o lançamento da Rede Sorocabana de Educação Ambiental para mapeamento dos atores que trabalham e atuam em educação ambiental na cidade.

Sara, ainda, reconhece que existe uma dificuldade na participação da população pela necessidade de trabalhar, cuidar da família entre outros afazeres da comunidade e que nossa cidade possui grande área urbana onde as pessoas acabaram perdendo contato com o natural, além da percepção de consumo e produção que se mostra uma realidade muito difícil de ser alterada. Segunda Sara, uma das estratégias é

fazer com que a população se enxergue como parte do ambiente que é um dos trabalhos realizados pelos centros de educação ambiental espalhados pelos parques da cidade, exercício importante para aproximar as pessoas das áreas verdes e sua biodiversidade, sensibilizando para o convívio com o natural.

**Profº Kléber Kachinski, professor de MBA da Faculdade Ipanema:** Kléber iniciou sua participação ressaltando que o voluntariado é fundamental para desenvolvimento dos trabalhos junto à comunidade, principalmente nas secretarias com menor recurso como a Secult, Sema e Semes. Citou como exemplo o projeto “Super Férias” que tinha como público-alvo as crianças da cidade. Sugere, então, um projeto voluntário de cultura ambiental com capacidade de despertar a vontade dos jovens conhecerem melhor a cidade e sua diversidade cultural. Reforçou em sua fala, também, a importância da construção de um plano para 10 anos, o que minimizaria uma grande dificuldade do corpo técnico das secretarias com a troca de mandato e possível perda dos trabalhos iniciados.

Explicou, também, que a falta de projetos de longo prazo e a realização de eventos pontuais, não fomenta o empoderamento das pessoas pela cultura da cidade e seus espaços e que estes projetos necessitam de avaliação constante com a participação da população na construção das políticas públicas. Citou também movimentos como o tropeirismo e eventos como a Expoverde como marcos importantes para cidade.

Concluiu sua participação contando sobre sua experiência com pesquisa de eficiência dos gastos de políticas públicas em cultura e lazer e como a intersetorialidade nas políticas públicas é importante, sugerindo também que o plano diretor não deve tratar a questão cultural de maneira vaga, assim como deve proteger as áreas verdes para que não se transformem em condomínios.

#### **Reflexões, discussões e perguntas dos participantes:**

Após a fala de todos os integrantes da roda de conversa o mediador Maurício Mota salientou que a Secult promove ações em áreas verdes como atividades culturais aproximando a população do meio ambiente e abriu para que o público pudesse realizar perguntas para os integrantes da roda.

Melissa reforçou que a população é que deve se apropriar dos espaços da cidade com o apoio do poder público e não devemos pensar no inverso para não ficar na política do assistencialismo, Maurício completou que estes espaços devem ter estrutura para receber a população.

Pergunta do público: “Como dialogar mais com a Secretaria do Meio Ambiente?” “Sorocaba tem espaços belos que não são utilizados, como podemos estruturar estes espaços?” “Como transformar a relação das pessoas para aproveitar o potencial da cidade e do nosso rio?”

Melissa iniciou respondendo ao participante que o diálogo com a Sema já existiu, mas infelizmente houve um distanciamento por conta de falta de financiamento nos grupos. O acesso ao atual secretário da pasta está mais difícil, mas o grupo está aberto para aproximação. Salientou novamente que a construção não deve partir apenas do poder público, mas também deu exemplos de eventos onde o diálogo foi falho como o Fórum Social Mundial e uma das reuniões do RESEA.

A Secretária Jaqueline aproveitou para enfatizar como a construção destas políticas dependem da participação dos territórios e da sociedade no geral e que ferramentas como a plataforma utilizada para o mapeamento cultural é importante neste processo para atingir os grupos que são desconhecidos pela Secult, pois o diálogo acaba acontecendo com os mesmos atores e o papel da Secretaria nisso tudo é de mediação. Ressaltou, ainda, que mesmo entre as instituições faltam conexão e diálogo.

Para o Prof<sup>o</sup> Ismail, a Secult já está dando o primeiro passo fazendo da construção do PMC uma ação participativa, indo até as pessoas. Reforçou, também, que os instrumentos de comunicação devem ser eficiente. Sugeriu a criação de canais de coletivo para participação das instituições no sentido de movimentos culturais da cidade.

Segundo a Secretária de Cultura, Jaqueline, a metodologia é muito importante para a construção da PMC para poder aprofundar as discussões e criar um processo de melhoria, pois a cultura de reclamação e da baixa participação deve ser deixada de lado. Os grupos precisam ajudar e o conselho precisa ser atuante.

Sugestão do público: O participante sugeriu uma aproximação das pastas de meio ambiente, cultura e educação para projetos que trabalhem as escolas com base em planejamentos participativos de cultura e meio ambiente. Foi sugerido, ainda, por outro participante que a comunicação entre as instituições seja reforçada criando um diálogo entre elas para que as minorias e a população periférica não fiquem de fora das ações.

Sara terminou sua participação dizendo que investimentos para melhorar as estruturas continuam sendo feitos, como a criação do Centro de Educação Ambiental do Rio Sorocaba nas margens do rio, mas que existe uma dificuldade de investimentos do poder público por conta da crise e que um dos desafios é explorar melhor o ecoturismo existente na cidade.

Sugestão do público: Utilizando exemplo de um coletivo que assumiu um parque com atividades todos os dias para a população na cidade de Votorantim, o participante sugeriu que Sorocaba pudesse fazer o mesmo.

Terminando as falas, o mediador Maurício Mota agradeceu a todos pela participação e encerrou a roda de conversa do dia.

### **Conclusão:**

A roda de conversa nos trouxe o reconhecimento de um panorama que transborda as dificuldades da construção de uma política pública participativa não só por Sorocaba, mas em todo território nacional. O levantamento dos atores e dos movimentos existentes se coloca como um dos maiores desafios e como uma questão em comum entre cultura e meio ambiente.

As duas primeiras falas são bem claras ao relatar que a concepção e as relações humanas com os aspectos ambientais ainda estão longe de ser das mais favoráveis, mas também nos apresentam possíveis soluções para minimizar o problema e que trabalhar com atenção aos saberes e conhecimentos da diversidade cultural de nossa cidade pode trazer bons frutos na construção destas soluções, debatendo as responsabilidades individuais e consecutivamente coletivas.

O poder público possui papel indispensável de fomentação e mobilização das instituições e atores que, por sua vez, tem sua participação como condição fundamental para construção de processos de atuação contínua, pois são eles que fortalecem o PMC garantindo recursos estruturais, humanos e materiais, principalmente em um segundo momento onde a comunidade deve ganhar mais autonomia, conquistando, junto com o poder público, melhorias na qualidade de vida da população.

Cultura e meio ambiente se mostraram áreas intensamente relacionadas e algumas boas oportunidades de atuação foram sugeridas e discutidas durante a roda de conversa: ações participativas que promovam o empoderamento de áreas públicas como os parques da cidade, desconstrução de modelos e conceitos desgastados de produção, consumo e qualidade de vida, educação integral com projetos que desperte o interesse de crianças e jovens em construir uma sociedade mais igualitária, educação ambiental holística

trabalhando pelo desenvolvimento da cidadania crítica, projetos de longo prazo e com construção participativa e fomento de canais entre os movimentos e instituições atuantes na área.

Para que tais ações sejam possíveis é necessário transpor algumas barreiras básicas como a comunicação entre os setores da sociedade, enfraquecimento da sociedade civil e a cultura da reclamação e não participação que distancia os atores essenciais para construção de uma política pública de qualidade. Nestas condições, a roda de conversa se fez muito pertinente para discussão das temáticas, mas ainda com pouca representabilidade dos atores conhecidos no processo de cultura e meio ambiente. Espera-se minimizar este cenário desfavorável até o final do processo de construção do PMC.